

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e Validação de uma Medida da Comunicação Parento-filial

Perception Scale of Parenting Communication (COMPA): Development and Validation of a Parent-Child Communication Measure
Escala de Evaluación de la Comunicación en la Parentalidad (COMPA): Desarrollo y Validación de una Medida de la Comunicación Padres-Hijos

Alda Patricia Marques Portugal, Isabel Maria Marques Alberto*

Doi: [dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06)

Resumo

Neste trabalho foram apresentadas as características psicométricas das versões da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): versão parental, versão adolescentes (12-16 anos) e versão crianças (7-11 anos). Este instrumento tem por objetivo avaliar as percepções de progenitores e filhos sobre a comunicação que mantêm. O estudo foi realizado com uma amostra de 803 progenitores e 619 filhos da população portuguesa. Os resultados da análise de componentes principais revelaram uma estrutura de cinco fatores para a versão parental (expressão afetiva/suporte emocional, α : .821; disponibilidade parental para a comunicação, α : .732; metacomunicação, α : .725; partilha/confiança de progenitores para filhos, α : .753; partilha/confiança de filhos para progenitores, α : .615) e versão adolescentes (disponibilidade parental para a comunicação, α : .865; partilha/confiança de filhos para progenitores, α : .873; expressão afetiva/suporte emocional, α : .838; metacomunicação, α : .805; padrões negativos de comunicação,

α : .650) e de dois fatores para a versão das crianças (disponibilidade parental para a comunicação, α : .842; expressão afetiva/suporte emocional, α : .784). Esta estrutura fatorial exploratória foi confirmada pela análise de equações estruturais. Os níveis de consistência interna revelaram-se bons para fins de investigação e clínicos. *Palavras-chave*: Comunicação parento-filial; crianças em idade escolar; adolescentes; validação

Resumen

Este trabajo presenta las características psicométricas de las versiones de la Escala de Evaluación de la Comunicación en la Parentalidad (COMPA): versión parental, versión para adolescentes (12-16 años) y versión para niños (7-11 años). Esta es una prueba que tiene el objetivo de evaluar las percepciones de padres e hijos sobre la comunicación que mantienen. El estudio se realizó con una muestra de 803 padres y 619 hijos de la población portuguesa. Los resultados del análisis de componentes principales han revelado una estructura de cinco

* Alda Marques, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra; Isabel Marques Alberto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
Esta pesquisa foi financiada pela Fundação para Ciência e a Tecnologia, Portugal (SFRH / BD / 63340 / 2009).
A correspondência relacionada com este artigo deve ser direcionada a Portugal, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Rua do Colégio Novo, Coimbra, 3001-802 Coimbra, Portugal. Correio electrónico: aaldaportugal@gmail.com

Para citar este artículo: Marques, A. P., & Marques, I. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e Validação de uma Medida da Comunicação Parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, vol. 32(1), pp. 85-103. doi: [dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06)

factores para la versión parental (expresión afectiva/soporte emocional, α :.821; disponibilidad parental para la comunicación, α :.732; metacomunicación, α :.725; compartir/confianza de los padres en los hijos, α :.753; compartir/confianza de los hijos en los padres, α :.615) y para la versión de adolescentes (disponibilidad parental para la comunicación, α :.865; compartir/confianza de los hijos en los padres, α :.873; expresión afectiva/soporte emocional, α :.838; metacomunicación, α :.805; patrones negativos de comunicación, α :.650) y de dos factores para la versión de los niños (disponibilidad parental para la comunicación, α :.842; expresión afectiva/soporte emocional, α :.784). Esta estructura factorial exploratoria fue confirmada mediante un análisis de ecuaciones estructurales. Los niveles de consistencia interna se han revelado buenos para el propósito de investigación y evaluación clínica.

Palabras clave: Comunicación paterno-filial; niños en edad escolar; adolescentes; validación

Abstract

The main goal of this study was the presentation of the psychometric characteristics of the Scale of Parenting Communication (COMPA): parental version, adolescent version (12-16 years old) and children version (7-11 years old). This instrument has the purpose of evaluating the perception of parents and children regarding their communication. The sample was composed of 803 parents and 619 children sampled from a Portuguese population. The results of an exploratory factor analysis revealed a five factor structure for the parental version (emotional support/affective expression, α : .821; parental availability to communication, α : .732; metacommunication, α : .725; parental confidence/sharing, α : .753; children confidence/sharing α : .615) and for the adolescent version (parental availability to communication, α : .865; children confidence/sharing, α : .873; emotional support/affective expression, α : .838; metacommunication, α : .805; negative communication patterns, α : .650) and a two factor structure for the children version (parental availability to communication, α : .842; emotional support/affective expression, α : .784). This factorial structure was confirmed by structural equations analysis. The levels of internal consistency of COMPA seem to be appropriate for research and clinical use.

Keywords: Parent-child communication, school-age children, adolescents, validation

A comunicação é um processo contínuo de transmissão de mensagens que integra diferentes contextos, realidades e sociedades/culturas (Barker, 1987; Fiske, 2005). Esta é uma dimensão fundamental no contexto familiar, particularmente na relação parento-filial (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005) uma vez que promove o desenvolvimento global e individual dos seus elementos. É a partir deste construto que se definem os papéis familiares (e.g. pai, mãe, filho), as regras (e.g. horários), os padrões comportamentais (e.g. partilha, conflito) e as funções que cada um exerce (e.g. dar suporte emocional e/ou físico) (Vangelisti, 2004).

A importância que a comunicação parento-filial assume reflete-se na grande quantidade de investigações realizadas. Miller-Day e Kam (2010) levaram a cabo um estudo com o intuito de explorar a eficácia da comunicação parento-filial sobre as expectativas e comportamentos de crianças em idade escolar em relação ao álcool. Esta investigação concluiu que a abertura e a frequência comunicacional entre progenitores e filhos pode influenciar as perceções que as crianças têm sobre o consumo de álcool. Os resultados sugerem ainda que uma comunicação parento-filial mais complexa e detalhada sobre o tópico pode ter maior influência na determinação das expectativas e dos comportamentos futuros, evidenciando, assim, que nem todas as formas de comunicação são efetivas.

Watzlawick, Bavelas, e Jackson (1967/1993) analisaram a comunicação patológica e identificaram cinco axiomas da comunicação e as suas respectivas distorções. Os autores partiram do pressuposto de que, por vezes, a comunicação entre os seres humanos é enviesada por diversas variáveis (e.g. mal-entendidos), o que pode promover dinâmicas familiares negativas e, inclusivamente, patológicas. Wichstrom, Holte, Husby, e Wynne (1994) analisaram longitudinalmente os efeitos da comunicação familiar desqualificante com filhos de pacientes psiquiátricos. Os autores concluíram que os filhos que são alvo de altos níveis de desqualificação tendem

a ser socialmente menos competentes do que os filhos que viveram níveis menores de desqualificação. O estudo corrobora os pressupostos de Watzlawick, Bavelas, e Jackson (1967/1993) de que nem todos os tipos de comunicação são aceitáveis ou contribuem para um desenvolvimento saudável.

A investigação sobre a comunicação familiar enquadrada no exercício da parentalidade sugere a existência de diferenças em função do sexo relativamente ao estabelecimento da comunicação, existindo indicadores de que os adolescentes de ambos os sexos tendem a procurar mais as mães do que os pais para comunicar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002). Jiménez e Delgado (2002) verificaram que o nível de conflituosidade entre progenitores e filhos é percebido de forma mais intensa por parte dos rapazes do que das adolescentes.

A influência da comunicação familiar sobre a saúde também tem sido alvo de investigações. Rivero-Lazcano, Matínez-Pampliega, e Iraurgi (2011) desenvolveram um estudo com o intuito de analisar o efeito de algumas variáveis familiares (coesão, adaptabilidade e satisfação) na relação entre a comunicação e os sintomas psicossomáticos. Os resultados revelaram que os elementos de famílias que têm papéis e estilos de liderança indefinidos tendem a manifestar mais comportamentos psicossomáticos do que os elementos de famílias onde existe uma comunicação clara e aberta (expressão aberta de pensamentos e sentimentos). No mesmo sentido, Segrin (2006) demonstrou que famílias que recorrem a estratégias positivas de comunicação e que procuram gerar interações harmoniosas entre os seus membros tendem a ser mais saudáveis do que aquelas que mantêm relações conflituosas. Xiao, Li, e Staton (2010) examinaram a concordância entre as percepções parentais e as percepções filiais relativamente à comunicação mantida nas famílias bem como da associação desta comunicação percebida com o ajustamento psicossocial das crianças. Os autores concluíram que os filhos que percebem baixos níveis de comunicação aberta com os seus progenitores tendem a demonstrar um ajustamento psicossocial pobre, independentemente da percepção parental.

Face à importância dos padrões comunicacionais no desenvolvimento individual e familiar, surgiram vários modelos teóricos que se debruçam sobre a compreensão do funcionamento familiar e da comunicação intrafamiliar (Beavers & Hampson, 2000; Miller, Ryan, Keitner, Bishop, & Epstein, 2000; Olson, 2000; Skinner, Steinhauer, & Sitarénios, 2000; Wilkinson, 2000). Estas abordagens dão ênfase às propriedades sistémicas da família como um todo, focando-se nas suas forças e competências, em detrimento do foco nas características intrapsíquicas dos indivíduos que compõem a família. Com base nestes modelos foram desenvolvidos estudos empíricos e escalas de avaliação do funcionamento familiar. Porém, estas escalas revelam-se insuficientes, apresentando algumas limitações, tais como: (1) estes modelos não têm uma definição convergente sobre a comunicação familiar, facto que suscita algumas questões relacionadas com a validade do construto que está a ser medido; (2) os procedimentos levados a cabo para definir as dimensões que cada modelo avalia não estão clarificados; (3) estes instrumentos de avaliação não estão traduzidos nem adaptados para a população portuguesa; (4) as medidas de avaliação desenvolvidas focam-se na adolescência (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Tomé, Gaspar de Matos, Camacho, Simões, & Diniz, 2012; Tribuna, 2000), ficando por abarcar as faixas etárias mais novas (e.g. crianças em idade escolar); e (5) nenhuma das medidas apresentadas foi desenvolvida especificamente para avaliar a comunicação parento-filial numa perspetiva multidimensional e em diferentes etapas do ciclo vital.

Em Portugal, existem poucos estudos sobre este tema. Uma possível explicação prende-se com a inexistência de escalas específicas e validadas que analisem a comunicação parento-filial. Exemplo disto foi o estudo realizado por Tribuna (2000) com o objetivo de investigar a vinculação e a comunicação em adolescentes que vivem em famílias de acolhimento. Esta investigação recorreu a uma escala que não está validada para a população Portuguesa (Parent-Adolescent Communication Scale, Olson, 2000).

Assim, o objetivo do presente estudo é a validação de uma escala de avaliação da comunicação na parentalidade, construída de raiz, que pretende contemplar a multidimensionalidade do conceito e abarcar duas etapas do ciclo vital da família, nomeadamente família com filhos em idade escolar (1º e 2º ciclo escolar) e famílias com filhos adolescentes (Hoffman, 1995; Relvas, 1996).

Metodologia

Amostra

Trata-se de uma amostragem por conveniência composta por 1422 sujeitos: 803 progenitores, 276 adolescentes (12-16 anos) e 343 crianças em idade escolar (7-11 anos) sem grau de parentesco entre si.

A amostra dos progenitores foi constituída por 141 pais e 662 mães ($n = 803$), com idades compreendidas entre os 24 e os 67 anos ($M = 41.30$, $DP = 5.96$) com diferentes graus de escolaridade (até ao 4º ano de escolaridade: 6.5%; do 6º ao 12º ano de escolaridade: 39.4%; ensino superior: 52%). Relativamente ao estatuto socioeconómico (de acordo com os critérios do INE, cruzando o nível de escolaridade com a profissão) verificou-se que 22% dos progenitores pertence à classe baixa, 71.1% à classe média e 5.7% à classe alta; ao nível da composição familiar, 85.2% dos progenitores integra um núcleo familiar intacto, 13.1% constituem famílias monoparentais e 1.7% integram famílias reconstituídas. Considerando a etapa do ciclo vital da família, 58.2% dos progenitores têm filhos em idade escolar (7-11 anos) e 41.8% têm filhos adolescentes (12-16 anos).

A amostra composta pelos adolescentes integra 126 participantes do sexo masculino e 150 do sexo feminino ($n = 276$), com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M = 13.61$, $DP = 1.30$) e diferentes graus de escolaridade (até ao 4º ano de escolaridade: 0.7%; do 5º ao 6º ano de escolaridade: 23.2%; do 7º ao 9º ano de escolaridade: 70.7%; do 10º ao 12º ano de escolaridade: 5.4%); relativamente ao estatuto socioeconómico verificou-se que 6.2% dos adolescentes pertence à classe baixa, 85.5% à classe média e 6.5% à classe alta; ao nível da composição familiar, 74.6% dos adolescentes

integra um núcleo familiar intacto, 14.5% fazem parte de famílias monoparentais e 10.9% integram famílias reconstituídas.

Por fim, a amostra das crianças em idade escolar (1º e 2º ciclo) é composta por 151 meninos e 192 meninas ($n = 343$), com idades entre os 7 e os 11 anos ($M = 9.66$, $DP = 1.32$). Destas crianças, 53.6% frequentam o ensino básico (até ao 4º ano de escolaridade) e 46.4% estudam entre o 5º e o 6º ano de escolaridade; em termos do estatuto socioeconómico constata-se que 5.5% das crianças pertencem à classe baixa, 85.4% à classe média e 8.7% à classe alta; relativamente à composição familiar, 83.7% das crianças integram um agregado nuclear intacto, 10.2% pertencem a famílias monoparentais e 6.1% integram famílias reconstituídas.

Instrumentos

Foi desenvolvida a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA) com base em três etapas: (1) revisão da literatura, no sentido de identificar as dimensões consideradas mais relevantes para a comunicação parento-filial, a partir das quais foi desenhada uma entrevista semiestruturada para aplicar a progenitores e a filhos; (2) realização de entrevistas individuais e em grupos focais a pais/mães, adolescentes e crianças a frequentar o 1º ciclo de escolaridade, de acordo com um desenho de investigação misto (análise qualitativa e quantitativa) e com recurso ao *Software* NVivo8 para a categorização dos dados provenientes desta entrevista (Portugal & Alberto, 2013); e (3), por fim, foi criado um conjunto de itens, com base nas sete dimensões reveladas pelo estudo qualitativo (afeto, atitude filial, atitude parental, estabelecimento de regras e limites, metacomunicação, partilha de situações problemáticas e problemas comunicacionais). Este trabalho resultou em três versões da escala COMPA: uma versão para pais/mães (COMPA-P), uma versão para filhos entre os 7 e os 11 anos (idade escolar) (COMPA-C), e uma versão para filhos entre os 12 e os 16 anos (adolescentes) (COMPA-A). As três versões da escala COMPA são respondidas numa escala de Likert (1 = Nunca; 2 = Raramente; 3 = Às vezes; 4 = Mui-

tas vezes; 5 = Sempre) e a sua cotação é feita pelo somatório dos itens por subescala. Os totais obtidos em cada subescala são divididos pelo número de itens. O objetivo deste instrumento consiste na avaliação das percepções de progenitores e de filhos, nestas duas etapas do ciclo vital da família, sobre a comunicação que mantêm entre si.

Procedimentos

A escala COMPA-P (versão parental) foi administrado por duas vias: *online* ($n = 342$) e através da aplicação tradicional de papel e lápis ($n = 461$), tratando-se de uma amostragem por conveniência. A divulgação do estudo foi realizada: (1) através da criação de uma página *web*, onde foram apresentados os objetivos do estudo e disponibilizada a escala para os progenitores que estivessem interessados em colaborar; e (2) a partir da distribuição de panfletos por diversas Associações de Pais e Encarregados de Educação e pelas escolas que aceitaram participar no estudo. Em qualquer uma das metodologias de recolha de protocolos os participantes foram informados sobre o sigilo, anonimato e confidencialidade das suas respostas. Os progenitores cuja aplicação do questionário foi feita em papel, levaram cerca de 15 a 20 minutos a preenchê-lo.

Relativamente à aplicação das versões dos filhos (COMPA-A e COMPA-C), foi necessário submeter o projeto de investigação à avaliação da Direção de Serviços de Inovação Educativa, um Departamento do Ministério da Educação Português. Esta comissão avaliou os parâmetros de aplicação das versões da COMPA, assim como as questões éticas associadas. Depois da aprovação por parte deste órgão, solicitou-se a colaboração de várias escolas do país, sobretudo da zona centro. Os professores das escolas que aceitaram participar no estudo distribuíram dois documentos pelos seus alunos: (1) um panfleto informativo sobre o estudo e (2) o consentimento informado a assinar pelo encarregado de educação. Os alunos, cujos progenitores autorizaram a participação no estudo, preencheram o protocolo em contexto escolar durante o período de aulas. Este preenchimento demorou cerca de 15 a 20 minutos para os alunos dos 12 aos 16

anos e cerca de 30 a 40 minutos para os alunos dos 7 aos 11 anos. Tanto a escala COMPA-C como a escala COMPA-A é constituída por duas folhas de resposta, equivalentes: uma em relação à comunicação estabelecida com o pai e outra relativa à comunicação estabelecida com a mãe. Deste modo, a maior parte das crianças e dos adolescentes que participaram neste estudo partilharam a percepção sobre a comunicação que mantêm com ambos os progenitores, à exceção daqueles que coabitam ou têm menos contacto com um dos progenitores. A aplicação do instrumento foi feita com base em instruções standardizadas, isto é, foi solicitado aos participantes que assinalassem em cada item, numa escala de 1 a 5, qual a percepção que tinham sobre a comunicação estabelecida com os filhos (COMPA-P) ou com as figuras parentais (COMPA-C e COMPA-A). Com a exceção dos questionários respondidos *online*, houve disponibilidade de um elemento da equipa de investigação para administrar e esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir ao longo do processo de preenchimento (apesar das crianças/jovens respondentes solicitarem pouca ajuda durante este processo).

Análise estatística

A análise estatística utilizada foi a mesma para as três versões da escala COMPA. Assim, a estrutura fatorial das versões da COMPA foi determinada através do método de Análises de Componentes Principais, com rotação Varimax, para o conjunto inicial de itens distribuídos pelas sete dimensões referidas na secção anterior. Os critérios de decisão para a solução final de fatores foram: (1) o valor de Kaiser-Meyer-Olkin, (2) o valor do Teste de Esfericidade de Bartlett, e (3) a análise do método scree-plot. Todos os itens que apresentaram um peso inferior a 0.3 foram eliminados e todos os itens que apresentaram um peso superior a 0.3 em pelo menos dois fatores foram distribuídos pelo fator onde a sua saturação era maior.

Depois de determinada a estrutura fatorial exploratória das versões da COMPA, foram realizadas análises confirmatórias das estruturas fatoriais encontradas. Para efetuar essas análises recorreu-se ao software AMOS 18. Para o teste de ajuste do mode-

lo proposto foram analisados os seguintes índices: χ^2 , CFI (Comparative Fit Index), RMSEA (Root Mean Square Error of Aproximation) e IFI (Incremental Fit Index). De acordo com Schermelleh-Engel, Moosbrugger, e Müller (2003) os valores $\chi^2 \leq 3df$, RMSEA $\leq .08$, e CFI/IFI $\geq .95$ indicam um ajuste aceitável do modelo, enquanto que os valores $\chi^2 \leq 2df$, RMSEA $\leq .05$, e CFI/IFI $\geq .97$ indicam um bom ajuste do modelo. A supremacia de um modelo sobre o outro foi determinada através das médias do critério AIC (Akaike's information criterion). Para as três versões da COMPA foram comparados dois modelos fatoriais: um modelo oblíquo, no qual os itens estão distribuídos por fatores e estes, por sua vez, estão relacionados entre si (modelo 1) e um modelo de um único fator, no qual todos os itens são indicadores da variável latente “comunicação parento-filial” (modelo 2).

Depois de determinada a estrutura fatorial das versões da COMPA, realizaram-se estudos de fiabilidade das escalas através de análises de consistência interna pela determinação do alpha de Cronbach e da correlação item-escala total. As correlações entre as diferentes subescalas e entre estas e o total das versões da COMPA foram também averiguadas através do cálculo de coeficiente de Pearson. Por fim, foram explorados os dados relativos à estatística descritiva das diferentes subescalas, em função do sexo e das idades dos participantes, através do cálculo de médias e desvios-padrão.

Resultados COMPA-P

Análise Fatorial Exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-P, o que foi confirmado através dos índices de KMO

= 0.935 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(946) = 10282.662$, $p < .000$. A rotação Varimax produziu uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 42% da variância, e não por sete fatores como inicialmente se previa. Do conjunto de 71 itens iniciais foram eliminados 27 com peso inferior a 0.3 nos fatores. A partir da análise dos itens de cada um dos fatores, as dimensões passaram a designar-se da seguinte forma (Tabela 1): (fator 1) expressão do afeto e apoio emocional, (fator 2) disponibilidade parental para a comunicação, (fator 3) metacomunicação, (fator 4) confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos e (fator 5) confiança/partilha comunicacional de filhos para os progenitores.

A dimensão expressão do afeto e apoio emocional (12 itens) explica 9.9% da variância e refere-se à troca de mensagens positivas entre os membros da família e a algumas características da comunicação como: clareza, resolução de problemas, suporte emocional, apoio verbal, demonstração de afeto e empatia; a segunda dimensão disponibilidade parental para a comunicação (8 itens) explica 9.8% da variância e diz respeito à sinceridade nas respostas às questões dos filhos, à abertura comunicacional e ao equilíbrio entre estes aspetos e a privacidade; a terceira dimensão metacomunicação (8 itens) explica 8% da variância e remete para a capacidade dos progenitores utilizarem uma comunicação esclarecedora evitando estratégias manipulativas e de controlo; por fim, a quarta (confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos, 7 itens) e quinta dimensão (confiança/partilha comunicacional de filhos para os progenitores, 7 itens) explicam 7.2% e 6.9%, respetivamente, da variância e são relativas à partilha equilibrada de questões e problemas pessoais, de progenitores e de filhos, sobre trabalho, relacionamentos, amizades, família.

Tabela 1

Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax e Alpha de Cronbach – COMPA-P

Nº	Descrição do Item	Peso	α
	Fator 1 - Expressão do Afeto e Apoio Emocional		0.821
	% Variância explicada	9.9%	
10	O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo.	0.40	0.907

Continúa

Nº	Descrição do Item	Peso	α
17	Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado.	0.36	0.910
18	Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho.	0.66	0.908
19	É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho.	0.41	0.908
20	Explico as regras ao meu filho.	0.44	0.908
28	Digo ao meu filho que gosto dele.	0.64	0.907
29	Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas.	0.56	0.908
30	Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o desvalorize ou envergonhe.	0.43	0.908
34	O meu filho gosta muito de conversar comigo.	0.47	0.906
37	Procuo animar o meu filho quando ele está mais em baixo e/ou triste.	0.64	0.907
39	Preocupo-me com os sentimentos do meu filho.	0.66	0.908
44	O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto.	0.34	0.907
Fator 2 – Disponibilidade Parental para a Comunicação			0.732
% Variância explicada		9.8%	
9	O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele.	0.57	0.907
11	É fácil impor regras e limites ao meu filho.	0.62	0.909
24	Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho.	0.45	0.907
26	O meu filho entende aquilo que lhe quero dizer.	0.50	0.907
31	Quando eu e o meu filho nos zangamos discutimos conflituosamente.	-0.56	0.909
40	O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso.	0.51	0.907
42	Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim.	0.59	0.907
43	Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho.	- 0.50	0.913
Fator 3 – Metacomunicação			0.725
% Variância explicada		8%	
3	Procuo escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho.	0.30	0.909
5	Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera	0.49	0.909
22	Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolve-lo.	0.43	0.906
23	Tento compreender o ponto de vista do meu filho.	0.52	0.907
25	Sou capaz de dizer ao meu filho o que me está a incomodar.	0.51	0.910
33	Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado.	0.44	0.910
35	Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê.	0.65	0.909
38	Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma.	0.59	0.907
Fator 4 - Confiança/Partilha Comunicacional dos Progenitores para os Filhos			0.753
% Variância explicada		7.2%	
2	Sinto que posso confiar no meu filho e contar-lhe todos os meus problemas.	0.72	0.908

Continúa

Nº	Descrição do Item	Peso	α
4	Eu sei que posso contar com o meu filho para me apoiar.	0.58	0.908
6	Sinto que posso confiar no meu filho.	0.46	0.907
7	Quando quero falar sobre alguma coisa, é com o meu filho que gosto de conversar.	0.74	0.909
8	Converso com o meu filho sobre a minha infância e a forma como fui educado/a.	0.43	0.908
27	Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante.	0.41	0.909
41	Converso com o meu filho quando me sinto aborrecido/a.	0.64	0.908
Fator 5 - Confiança/Partilha Comunicacional dos Filhos para os Progenitores			0.615
% Variância explicada		6.9%	
12	Sei como o meu filho se sente sem ter de lhe perguntar.	0.53	0.909
13	Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo.	0.41	0.907
14	Compreendo os problemas e preocupações do meu filho.	0.48	0.907
15	Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente.	0.61	0.907
16	O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação	0.62	0.907
21	Gostava que o meu filho fosse criança para sempre.	0.34	0.917
32	O meu filho conversa comigo sobre as obrigações/responsabilidades que tem.	0.44	0.906
Total COMPA-P			0.-10

Análise Fatorial Confirmatória

Tal como pode ser visto na tabela 4, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-P apresenta um bom ajuste em todos os índices. De acordo com o AIC, constata-se que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2, isto é, o modelo oblíquo explica em melhor medida a estrutura fato-

rial da COMPA-P, confirmando os dados da análise fatorial exploratória.

Fiabilidade

Para averiguar a fiabilidade da COMPA-P foram realizadas análises de consistência interna (tabela 1) para a escala total e para as diferentes subescalas,

Tabela 4
Análise Exploratória Confirmatória

		χ^2 (df)	RMSEA (90%CI)	[C I]	CFI	IFI	AIC
COMPA - P	1 Fator	428.26 (54)	.09	[.085 ; .101]	.89	.89	500.26
	5 Fatores	143.83 (44)	.05	[.044 ; .063]	.97	.97	235.83
COMPA - C	1 Fator	136.08 (20)	.09	[.079 ; .109]	.92	.92	184.08
	2 Fatores	77.47 (19)	.06	[.053 ; .085]	.96	.96	127.47
COMPA - A	1 Fator	324.97 (65)	.09	[.077 ; .096]	.93	.93	402.97
	5 Fatores	150.39 (55)	.05	[.046 ; .068]	.98	.98	248.39

Nota. Comparação do modelo: para cada versão, o “melhor” modelo (i.e. com menor valor de AIC) encontra-se em *itálico*.

atendendo já à cotação invertida de alguns itens. A consistência interna foi analisada para o conjunto de 71 itens, verificando-se um α de Cronbach global de .77. Depois de removidos os 27 itens, com peso inferior a .3, o α de Cronbach global passou a .91, valor considerado excelente pela literatura (Nunally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunally (1978) os valores do coeficiente de α de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .821; fator 2: .732; fator 3: .725; fator 4: .753; fator 5: .615).

Alguns autores defendem que o cálculo do coeficiente de α deve ser complementado pela análise dos valores das correlações médias interitem, uma vez que um elevado valor de α pode significar redundância e não uma adequada consistência interna. Os valores da correlação média interitem para a escala global e para as subescalas

(intervalo: .325 a .565), estão dentro dos valores recomendados por Briggs & Cheek (1986).

Correlação entre as escalas e subescalas

Como se pode observar na tabela 5, a análise das correlações entre as subescalas revela correlações positivas moderadas e estatisticamente significativas entre as cinco subescalas (intervalo: $r = .415$ a $r = .646$, $p = .000$). Os valores de Pearson revelam, também, correlações positivas fortes e estatisticamente significativas entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = .715$ a $r = .874$, $p = .000$).

Estatística Descritiva das Subescalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os progenitores encon-

Tabela 5
Correlações de Pearson entre a subescalas

Subescalas	I	II	III	IV	V
COMPA-P					
I. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	—	.591**	.646**	.539**	.607**
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	.591**	—	.436**	.454**	.487**
III. Metacomunicação	.646**	.436**	—	.420**	.564**
IV. Confiança/Partilha Parental	.539**	.454**	.420**	—	.415**
V. Confiança/Partilha Filial	.607**	.487**	.564**	.415**	—
Total	.874**	.765**	.752**	.715**	.767
COMPA-C					
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	—	.685**	—	—	—
II. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	.685**	—	—	—	—
Total	.904**	.931**	—	—	—
COMPA-A					
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	—	.726**	.753**	.759**	-.535**
II. Confiança/Partilha Filial	.726**	—	.714**	.721**	-.464**
III. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	.753**	.714**	—	.695**	-.505**
IV. Metacomunicação	.759**	.721**	.695**	—	-.465**
V. Padrão Comunicacional Negativo	-.535**	-.464**	-.505**	-.465**	—
Total	.940**	.872**	.864**	.891**	-.478**

** A correlação é significativa ao valor 0.01 level (2-tailed).

tram-se na Tabela 6. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. A subescala expressão do afeto e apoio emocional apresenta as pontuações mais elevadas (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.25 e 4.42), seguindo-se as pontuações da escala metacomunicação (pontuações médias dos itens de 4.18 para o pai e de 4.28 para a mãe), depois as pontuações da escala disponibilidade parental para a comunicação (pontuações médias dos itens de 4.06 para o pai e de 4.03 para a mãe), de seguida as pontuações da escala confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos (pontuações médias dos itens de 3.78 para o pai e de 3.89 para a mãe) e, por fim, as pontuações da escala confiança/partilha comunicacional de filhos para os progenitores (pontuações médias dos itens de 3.78 para o pai e de 3.99 para a mãe). Assim, constata-se que as mães tendem a perceber mais positivamente a comunicação em todas as suas dimensões (exceto na dimensão disponibilidade parental para a comunicação, onde os pais obtêm um resultado ligeiramente superior ao das mães) comparativamente aos progenitores do sexo masculino.

Para efetuar a cotação dos resultados por subescala basta somar os itens e dividi-los pelo total de itens da escala. No entanto, há que ter em conta que os itens 31 e 43 são cotados inversamente, uma vez que se trata de itens formulados pela negativa. Desta forma, quanto mais elevada for a pontuação em cada subescala melhor tende a ser a percepção da comunicação parento-filial.

Resultados COMPA-A

Análise Fatorial Exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-A, o que foi confirmado através dos índices de KMO = .964 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(741) = 10091.742$, $p < .000$. A rotação Varimax produziu uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 59.7% da variância, à semelhança do que aconteceu na COMPA-P. Do conjunto de 65 itens iniciais foram eliminados 26 com peso inferior a 0.3 nos fatores e com forte influência na variação do valor do coeficiente de alfa de Cronbach. A estrutura fatorial final ficou composta por (tabela 2): (fator 1) disponibilidade parental para a comunicação, (fator 2) confiança/partilha de filhos para progenitores, (fator 3) expressão do afeto e apoio emocional, (fator 4) metacomunicação, e (fator 5) padrão comunicacional negativo.

A dimensão disponibilidade parental para a comunicação (14 itens) explica 16.3% da variância e diz respeito à percepção de escuta atenta e ativa do progenitor em relação ao filho; a segunda dimensão confiança/partilha de filhos para progenitores (7 itens) explica 11.9% da variância e refere-se à percepção da capacidade do filho de ter uma postura aberta e honesta e ser responsivo para com as figuras parentais; a terceira dimensão expressão do afeto e apoio emocional (5 itens) explica 10.8% da variância e implica uma ligação afetiva entre filhos e progenitores que permita a partilha e discussão de preocupações e sentimentos pessoais; a quarta dimensão metacomunicação (9 itens) explica 9.6%

Tabela 6

Pontuações medias ponderadas e desvios-padrão das diferentes versões e subescalas do COMPA

Subescalas		M	DP
I. COMPA-P			
Pais (n=140); Mãe (n=652)			
I. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	Pai	4.25	0.48
	Mãe	4.42	0.38

Subescalas		<i>M</i>	<i>DP</i>
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Pai	4.06	0.50
	Mãe	4.03	0.48
III. Metacomunicação	Pai	4.18	0.48
	Mãe	4.28	0.46
IV. Confiança/Partilha Parental	Pai	3.78	0.58
	Mãe	3.89	0.47
V. Confiança/Partilha Filial	Pai	3.78	0.51
	Mãe	3.99	0.46
II. COMPA-C			
Sexo Masculino (<i>n</i> =137)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	4.31	0.53
	Em relação à Mãe	4.52	0.50
II. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.84	0.72
	Em relação à Mãe	4.17	0.61
Sexo Feminino (<i>n</i> =180)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	4.50	0.52
	Em relação à Mãe	4.65	0.46
II. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.91	0.63
	Em relação à Mãe	4.29	0.60
III. COMPA-A			
Sexo Masculino (<i>n</i> =120)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	3.98	0.69
	Em relação à Mãe	4.12	0.70
II. Confiança/Partilha Filial	Em relação ao Pai	3.25	0.72
	Em relação à Mãe	3.63	0.78
III. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.80	0.89
	Em relação à Mãe	4.06	0.77
IV. Metacomunicação	Em relação ao Pai	3.63	0.68
	Em relação à Mãe	3.77	0.72
V. Padrão Comunicacional Negativo	Em relação ao Pai	3.90	0.62
	Em relação à Mãe	3.06	0.71
Sexo Feminino (<i>n</i> =141)			

Continúa

Subescalas		M	DP
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	3.96	0.74
	Em relação à Mãe	4.22	0.63
II. Confiança/Partilha Filial	Em relação ao Pai	2.93	0.80
	Em relação à Mãe	3.80	0.77
III. Expressão do Afeto/Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.73	0.93
	Em relação à Mãe	4.17	0.80
IV. Metacomunicação	Em relação ao Pai	3.58	0.66
	Em relação à Mãe	3.86	0.68
V. Padrão Comunicacional Negativo	Em relação ao Pai	3.85	0.64
	Em relação à Mãe	3.92	0.63

da variância e está relacionada com a capacidade dos filhos estabelecerem uma comunicação aberta e clara com os seus progenitores, promovendo um estilo comunicacional livre de mal-entendidos; por fim, a última dimensão padrão comunicacional ne-

gativo (4 itens), explica 8.6% da variância e é uma escala relacionada com os aspetos menos ajustados da comunicação, isto é, comportamentos comunicacionais que promovem estilos desadequados de relacionamento, acarretando sofrimento.

Tabela 2
Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax e Alpha de Cronbach – COMPA-A

Nº	Descrição do Item	Peso	α
Fator 1 - Disponibilidade dos Progenitores para Comunicar com os Filhos			0.865
% Variância explicada		16.3 %	
4	Eu e o/a meu/minha pai/mãe procuramos a melhor maneira para resolver os problemas.	0.54	0.941
9	O/a meu/minha pai/mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade.	0.56	0.943
10	Posso confiar no/na meu/minha pai/mãe e contar-lhe os meus problemas.	0.51	0.941
11	O/a meu/minha pai/mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.	0.50	0.941
12	O/a meu/minha pai/mãe diz-me o que é certo e errado.	0.63	0.942
13	O/a meu/minha pai/mãe dá-me atenção e é carinhoso/a comigo.	0.63	0.941
14	O/a meu/minha pai/mãe gosta de me fazer surpresas.	0.53	0.942
15	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe ele/ela ouve-me e dá-me atenção.	0.69	0.941
16	O/a meu/minha pai/mãe tenta compreender aquilo que eu digo.	0.64	0.941
17	O/a meu/minha pai/mãe preocupa-se com o que eu sinto.	0.54	0.941
18	Quando preciso de conversar com o/a meu/minha pai/mãe, ele/ela mostra-se atento.	0.58	0.941
19	O/a meu/minha pai/mãe explica-me porque me diz não às coisas que eu peço.	0.56	0.942

Continúa

Nº	Descrição do Item	Peso	α
20	O/a meu/minha pai/mãe gosta de conversar comigo.	0.54	0.941
21	Quando faço perguntas ao/à meu/minha pai/mãe ele/ela é sincera/a e claro/a.	0.53	0.941
Fator 2 - Confiança/Partilha Comunicacional dos Filhos para os Progenitores			0.873
% Variância explicada		11.9%	
1	Sinto-me bem com as conversas que tenho com o/a meu/minha pai/mãe.	0.48	0.942
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus amigos e/ou amigas.	0.59	0.942
3	Converso com o/a meu/minha pai/mãe quando me sinto aborrecido/a.	0.76	0.942
7	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus problemas.	0.76	0.941
30	Quando tenho preocupações (e.g. violência) converso com o/a meu/minha pai/mãe.	0.55	0.942
33	É fácil para mim dizer ao/à meu/minha pai/mãe aquilo que sinto.	0.50	0.942
34	Converso mais com o/a meu/minha pai/mãe do que com qualquer outra pessoa.	0.61	0.942
Fator 3 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			0.838
% Variância explicada		10.8%	
23	Gosto de dar beijos e de abraçar o/a meu/minha pai/mãe.	0.60	0.942
29	Digo ao/à meu/minha pai/mãe que gosto dele/dela.	0.70	0.941
31	Procuo alegrar o/a meu/minha pai/mãe quando ele/ela está em baixo e/ou triste.	0.58	0.941
35	Sei que posso conversar com o/a meu/minha pai/mãe sobre o que eu quiser.	0.61	0.941
39	O/a meu/minha pai/mãe sabe que também pode contar comigo para o/a apoiar.	0.65	0.941
Fator 4 –Metacomunicação			0.805
% Variância explicada		9.6%	
8	Quando converso com o/a meu/minha pai/mãe digo o que penso.	0.49	0.943
22	Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o/a meu/minha pai/mãe dá.	0.44	0.942
24	O/a meu/minha pai/mãe explica o que sente quando está aborrecido/a ou.	0.47	0.942
25	Sinto que o/a meu/minha pai/mãe conversa comigo de maneira a que eu entenda.	0.54	0.941
27	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãe me está a dizer, digo-lhe.	0.54	0.941
28	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãe me quer dizer.	0.64	0.942
32	Quando eu e o/a meu/minha pai/mãe discutimos, costumo ouvi-lo/la até ao fim.	0.62	0.943
36	Quando faço alguma coisa errada digo ao/à meu/minha pai/mãe sem medo.	0.56	0.942
37	O/a meu/minha pai/mãe sabe que também pode contar comigo para o/a apoiar.	0.36	0.942
Fator 5 - Padrão Comunicacional Negativo			0.650
% Variância explicada		8.6%	
5	Eu e o/a meu/minha pai/mãe ficamos chateados/as um(a) com o/a outro/a.	- 0.64	0.948
6	Minto ao/à meu/minha pai/mãe.	- 0.63	0.947
26	Quando tenho algum problema prefiro não contar ao/à meu/minha pai/mãe.	- 0.58	0.950

Continúa

Nº	Descrição do Item	Peso	α
38	Tenho dificuldade em acreditar no que o/a meu/minha pai/mãe me diz.	- 0.66	0.948
Total COMPA-A			0.944

Análise Fatorial Confirmatória

Tal como pode ser visto na Tabela 4, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-A apresenta um bom ajuste em todos os índices. De acordo com o AIC, constata-se que o modelo 1 é superior ao modelo 2, isto é, o modelo oblíquo explica em melhor medida a estrutura fatorial da COMPA-A, confirmando os dados da análise fatorial exploratória.

Fiabilidade

Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 65 itens, verificando-se um alpha de Cronbach global de .85. Depois de removidos os 26 itens, com peso inferior a 0.3, o alpha de Cronbach global passou a .94, valor considerado excelente pela literatura (Nunally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunally (1978) os valores do coeficiente de alpha de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .865; fator 2: .873; fator 3: .838; fator 4: 0.805; fator 5: .650). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .296 e .565. Estes valores estão ligeiramente acima daqueles que são considerados níveis aceitáveis (entre .20 e .40) por Briggs e Cheek (1986).

Correlação entre as escalas

A análise das correlações entre as escalas revela correlações positivas e negativas moderadas para as cinco dimensões da escala (intervalo: $r = -0.464$ a $r = -.759$). Os valores de correlação negativos dizem respeito aos quatro itens da subescala padrão comunicacional negativo cujo conteúdo indica um afastamento comunicacional entre os comunicantes. Os valores de Pearson revelam, também,

correlações positivas e negativas fortes entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = -.478$ a $r = .940$). Em todos os casos, as correlações são estatisticamente significativas ($p = .000$).

Estatística Descritiva das Escalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os adolescentes encontram-se na Tabela 6. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. Esta análise foi realizada para os dois progenitores em separado. Deste modo, são apresentados os dados dos adolescentes em relação ao pai e em relação à mãe.

As pontuações nas subescalas dos adolescentes do sexo masculino, por ordem descendente, são: disponibilidade parental para a comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.98 e 4.12), metacomunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.63 e 3.77), confiança/partilha de filhos para progenitores (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.25 e 3.63), expressão do afeto e apoio emocional, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.80 e 4.06) e padrão comunicacional negativo (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.90 e 3.06).

As pontuações registadas pelos adolescentes do sexo feminino são as seguintes: disponibilidade parental para a comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.96 e 4.22), metacomunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o

pai e para a mãe são, respetivamente 3.58 e 3.86), confiança/partilha de filhos para progenitores (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 2.93 e 3.80), expressão do afeto e apoio emocional, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.73 e 4.17) e padrão comunicacional negativo (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.85 e 3.92). Estes valores indicam que tanto os adolescentes do sexo masculino como os adolescentes do sexo feminino, percebem maior interação comunicacional por parte da mãe, exceto na dimensão padrão comunicacional negativo, onde os valores dos rapazes são mais elevados para os progenitores do sexo masculino e os valores das adolescentes são ligeiramente superiores para as mães.

Para efetuar a cotação das subescalas da COMPA-A deve utilizar-se o procedimento descrito para a COMPA-P. Mais uma vez, quanto mais elevado for o resultado melhor tende a ser a percepção da comunicação. No entanto, há que ter em conta que a quinta dimensão diz respeito aos aspetos negativos da comunicação e, por esse motivo, resultados elevados nesta subescala revelam uma percepção negativa sobre a comunicação parento-filial.

Resultados COMPA-C

Análise Fatorial Exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-C,

o que foi confirmado através dos índices de KMO = 0.919 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(120) = 3112.326$, $p < 0.000$. A rotação Varimax produziu uma estrutura fatorial constituída por dois fatores que explicam 44.6% da variância. Do conjunto de 34 itens iniciais foram eliminados 18 com peso inferior a 0.3 nos fatores e com forte influência na variação do valor do coeficiente de alfa de Cronbach. A estrutura fatorial ficou então composta por (tabela 3): (fator 1) disponibilidade parental para a comunicação e (fator 2) expressão do afeto e apoio emocional.

A dimensão disponibilidade parental para a comunicação (8 itens) explica 37.3% da variância e diz respeito à percepção, por parte dos filhos, de uma escuta atenta e ativa por parte do progenitor e também à capacidade deste para dar resposta às necessidades dos filhos de acordo com a idade destes; a segunda dimensão expressão do afeto e apoio emocional (8 itens) explica 7.2% da variância e refere-se à ligação emocional e afetiva entre pai/mãe e filho/filha que sustenta uma relação cúmplice e baseada na abertura comunicacional, associada à partilha de problemas e tópicos pessoais por parte da criança.

Análise Fatorial Confirmatória

Tal como pode ser visto na Tabela 4, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-C apresenta um ajuste aceitável em todos os índices. De acordo com o AIC, mais uma vez se constata que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2. Assim, o modelo oblíquo explica em melhor medi-

Tabela 3

Resultados da Análise de Componentes Principais, com Rotação Varimax e Alpha de Cronbach - COMPA-C

Nº	Descrição do Item	Peso	α
Fator 1 - Disponibilidade dos Progenitores para Comunicar com os Filhos			0.842
% Variância explicada		37.3%	
3	O/a meu/minha pai/mãe compreende os meus problemas e preocupações.	0.58	0.867
4	O/a meu/minha pai/mãe diz-me o que é certo e errado.	0.50	0.873
5	O/a meu/minha pai/mãe dá-me atenção e é carinhoso/a comigo.	0.72	0.871
6	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe, ele/ela ouve-me e dá-me atenção.	0.69	0.872

Continúa

Nº	Descrição do Item	Peso	α
7	O/a meu/minha pai/mãetenta compreender aquilo que eu digo.	0.74	0.871
8	O/a meu/minha pai/mãepreocupa-se com o que eu sinto.	0.65	0.869
9	O/a meu/minha pai/mãeouve-me e fala comigo quando preciso.	0.56	0.870
12	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãeme está a dizer, digo-lhe, e ele/ela tenta explicar-se melhor.	0.57	0.876
Fator 2 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			0.784
% Variância explicada		7.2%	
1	Converso com o/a meu/minha pai/mãesobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia a dia.	0.59	0.871
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãesobre os meus problemas.	0.69	0.868
10	O/a meu/minha pai/mãe explica-me porque me diz Não às coisas que eu peço.	0.48	0.875
11	O/a meu/minha pai/mãeexplica-me o que sente quando está aborrecido/a ou zangado/a comigo.	0.60	0.873
13	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãeme quer dizer.	0.51	0.876
14	O/a meu/minha pai/mãediz-me que gosta de mim.	0.52	0.874
15	Quando tenho preocupações (e.g. violência) converso com o/a meu/minha pai/mãe.	0.70	0.874
16	É fácil para mim dizer ao/à meu/minha pai/mãe aquilo que sinto.	0.58	0.879
Total COMPA-C			0.879

da a estrutura fatorial da COMPA-C, confirmando os dados da análise fatorial exploratória.

Fiabilidade

Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 34 itens, verificando-se um alpha de Cronbach global de .648. Depois de removidos os 18 itens, com peso inferior a .3, o alpha de Cronbach global passou a .879, valor considerado bom pela literatura (Nunally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunally (1978) os valores do coeficiente de alpha de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .842; fator 2: .784). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .316 e 0.407, níveis considerados aceitáveis por Briggs & Cheek (1986).

Correlação entre as escalas

A análise das correlações entre as subescalas revela uma correlação positiva e forte, estatisticamente significativa ($r = 0.685$; $p = 0.000$). Os valores de Pearson revelam, também, correlações positivas e fortes, estatisticamente significativas, entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = .904$ a $r = 0.931$; $p = .000$).

Estatística Descritiva das Escalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das duas subescalas para as crianças em idade escolar encontram-se na Tabela 6. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação

dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. Esta análise foi realizada para os dois progenitores em separado, tal como na COMPA-A.

As pontuações das crianças do sexo masculino relativamente às subescalas, por ordem das mais elevadas, são: disponibilidade parental para a comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.31 e 4.52) e expressão do afeto e apoio emocional, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.84 e 4.17).

Por sua vez, as pontuações das crianças do sexo feminino são as seguintes: disponibilidade parental para a comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 4.50 e 4.65) e expressão do afeto e apoio emocional, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.91 e 4.29).

À semelhança do que aconteceu na COMPA-A, estes valores indicam que as crianças de ambos os sexos percecionam maior interação comunicacional por parte da mãe do que do pai.

Para efetuar a cotação das subescalas da COMPA-C deve utilizar-se o procedimento descrito para a COMPA-P e para a COMPA-A. À semelhança destas versões, quanto mais elevado for o resultado nas duas subescalas da COMPA-C, melhor tende a ser a perceção da comunicação. Neste caso não existem itens invertidos.

Discussão

O objetivo deste estudo consistiu na avaliação das qualidades psicométricas da COMPA, uma medida multidimensional da comunicação parento-filial construída de raiz. Existem alguns instrumentos que analisam a relação pais-filhos, porém estas escalas não têm um foco específico na dimensão comunicacional. Um motivo possível para justificar este aspeto prende-se com a complexidade que o conceito acarreta sendo, inclusivamente, difícil de estabelecer uma definição conceptual de comunicação familiar (Watzlawick, Bavelas, & Jackson, 1967/1993).

Para a construção da COMPA foi levado a cabo um estudo qualitativo com o intuito de identificar as principais características e dimensões da comunicação parento-filial na perceção de progenitores e de filhos em duas etapas do ciclo vital da família – com filhos na escola (1º e 2º ciclo) e com adolescentes. Deste estudo resultaram três versões da COMPA: versão parental (COMPA-P), versão filial 7-11 anos (COMPA-C) e versão filial 12-16 anos (COMPA-A).

Os estudos psicométricos permitiram analisar o instrumento em detalhe, revelando que a COMPA tem condições aceitáveis para ser utilizado em contexto clínico/forense e em contexto de investigação. Os valores de consistência interna das três versões da COMPA são considerados bons pela literatura, particularmente os valores da COMPA-A. Por sua vez, a estrutura fatorial exploratória foi confirmada por análises de equações estruturais, revelando que, tal como se esperava, a comunicação parento-filial é um constructo multidimensional (Portugal & Alberto, 2013): expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos, confiança/partilha comunicacional de filhos para os progenitores e padrão comunicacional negativo. Estas dimensão vão ao encontro das indicações da literatura sobre o tema (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Watzlawick, Bavelas, & Jackson, 1967/1993). Os dados revelam a existência de correlações moderadas entre as subescalas de cada versão e correlações fortes entre as subescalas e os totais de cada versão da COMPA. Estes resultados sugerem que as subescalas medem conceitos diferentes mas todas elas constituem componentes importantes para medir a comunicação em global. Por sua vez, a estatística descritiva das três versões da COMPA indica que as mães tendem a ter um papel de destaque positivo na comunicação familiar, segundo a perspetiva de filhos e de progenitores, tal como indica a literatura (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002). No entanto, a percentagem de variância explicada por cada uma das versões da COMPA não é elevada. Este aspeto

pode dever-se ao facto de existirem outros fatores que estão presentes na percepção que os progenitores têm das suas próprias interações comunicacionais e que, até ao momento, não foram identificados.

Em conclusão, as qualidades psicométricas da COMPA indicam que se trata de um instrumento fiável para aplicação em Portugal. Trata-se de uma escala inovadora que permite avaliar a comunicação de forma multidimensional, contemplando duas etapas distintas do ciclo vital da família (versão para crianças em idade escolar e versão para adolescentes) e recorrendo a diferentes perspetivas (progenitores e filhos). Avaliar a percepção de progenitores e de filhos sobre a comunicação que mantêm entre si permite identificar a existência de eventuais discrepâncias que possam estar na base de mal-entendidos e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento de padrões comunicacionais filio-parentais positivos que assegurem comportamentos adequados e uma boa saúde mental (Miller-Day & Kam, 2010).

Apesar das boas qualidades psicométricas demonstradas pela escala COMPA, o presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Uma dessas limitações prende-se com a representatividade da amostra, uma vez que se trata de uma amostragem por conveniência. Além disto, não foi possível efetuar um controlo das respostas, nem da compreensão dos itens, por parte dos progenitores que responderam ao protocolo via internet. Uma outra limitação deste estudo remete para o facto da validade preditiva do instrumento não ter sido estudada, isto é, as suas qualidades psicométricas não foram analisadas em populações específicas e independentes. Uma terceira limitação do presente estudo prende-se com o facto das características psicométricas da escala terem sido analisadas conjuntamente para progenitores do sexo masculino e do sexo feminino. Considerando que os estilos comunicacionais variam em função do sexo do progenitor (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002), poderia ser útil fazer uma análise da consistência interna independente para pais e para mães. Por fim, este estudo não contemplou o grau de parentesco entre os respondentes, ou seja, não foi tido em conta o facto de alguns dos pais e mães respondentes pertencerem

ao mesmo agregado familiar e, por esse motivo, não é possível identificar os níveis de correlação de comunicação ao nível da coparentalidade.

Implicações para a Prática e Investigações Futuras

A escala COMPA pode ser aplicado em três contextos distintos: avaliação, intervenção e investigação. De forma mais específica, o instrumento permite: (1) efetuar a avaliação da comunicação na díade pai/mãe-filho/filha e entre ambos os progenitores, (2) avaliar a comunicação parento-filial em diferentes momentos (e.g. antes e depois de uma intervenção clínica ou em processos de cariz forense), (3) monitorizar as atitudes que possam melhorar a relação comunicacional entre progenitores e filhos, e (4) o desenvolvimento de estudos empíricos centrados na comunicação parento-filial. Desta forma, a COMPA pode ser útil para a elaboração de programas de educação parental, ou para o desenvolvimento de grupos psicoeducativos com diversas tipologias familiares.

No futuro, a investigação deve incluir: (1) a validação das três versões da escala em amostras específicas da população portuguesa, (2) a tradução e adaptação do instrumento para outros países, e (3) o desenvolvimento de uma versão da COMPA para crianças em idade pré-escolar. A aplicação deste instrumento em populações específicas (e.g. famílias pós-divórcio, famílias adotivas, famílias com um elemento com psicopatologia ou doença crónica) poderá constituir uma fonte adicional de informação contribuindo, assim, para uma visão mais rica das relações entre progenitores e filhos e da sua comunicação.

Referências

- Barker, L. L. (1987). *Communication*. (4th Ed.). New Jersey: Prentice-Hall.
- Barnes, L. H., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development*, 56, 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647
- Beavers, R., & Hampson, R. B. (2000). The Beavers Systems Model of Family Functioning. *Journal of Fa-*

- mily Therapy*, 22(2), 128-143. doi:10.1111/1467-6427.00143
- Briggs, S. R., & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54(1), 106-149. doi:10.1111/1467-6494.ep8970518
- Carr, A. (2006). *Family Therapy. Concepts, Process and Practice*. (2nd Ed.). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Cummings E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and Attachment. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting - Volume V. Practical Issues in Parenting* (2nd ed. pp. 35-58). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fiske, J. (2005). *Introdução ao Estudo da Comunicação*. (9^a Ed.). Lisboa: ASA Editores. (1^a edição em 1993).
- Floyd, K., & Morman, M. T. (2003). Human Affection Exchange: II. Affectionate Communication in Father-Son Relationships. *Journal of Social Psychology*, 143(5), 599-612.
- Herbert, M. (2004). Parenting Across the Lifespan. In M. Hoghughi, & N. Long, (Eds.), *Handbook of Parenting. Theory and Research for Practice*. London: Sage Publications.
- Hoffman, L. (1995). O ciclo de vida familiar e a mudança descontinua. In B. Carter, M. McGoldrick & Cols., *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 84-96). Porto Alegre: Artes Médicas. (Edição original 1989).
- Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.
- Miller-Day, M., & Kam, J. A. (2010). More than just openness: Developing and validating a measure of targeted parent-child communication about alcohol. *Health Communication*, 25, 293-302.
- Miller, I. W., Ryan, C. E., Keitner, G. I., Bishop, D. S., & Epstein, N. B. (2000). The McMaster approach to families: Theory, assessment, treatment and research. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 168-189. doi:10.1111/1467-6427.00145
- Nunally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 319-326.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rivero-Lazcano, N., Martínez-Pampliega, A., & Iraurgi, I. (2011). El papel funcionamiento y la comunicación familiar en los síntomas psicossomáticos. *Clínica y Salud*, 22(2), 175-86. doi:10.5093/cl-2011v22n2a6
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research*, 8(2), 23-74.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Segrin, C. (2006). Invited article: Family interactions and well-being: Integrative perspectives. *Journal of Family Communication*, 6, 3-21.
- Skinner, H., Steinhauer, P., & Sitarenios, G. (2000). Family assessment measure (FAM) and process model of family functioning. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 190-210.
- Tomé, G., Gaspar de Matos, M., Camacho, I., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). Portuguese adolescents: the importance of parents and peer groups in positive health. *Spanish Journal of Psychology*, 15(3), 1315-1324. Recuperado de http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39417
- Tribuna, F. (2000). *Famílias de Acolhimento e Vinculação na Adolescência*. (Master's thesis, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra).
- Vangelisti, A. L. (Ed.). (2004). *Handbook of Family Communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. (1967/1993). *Pragmatics of Human Communication: A study of international patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: W. W. Norton & Company.
- Wichstrom, L., Holte, A., Husby, R., & Wynne, L. C. (1994). Disqualifying family communication as a predictor of changes in offspring competence: A 3-year longitudinal study of sons of psychiatric patients. *Journal of Family*, 8(1), 104- 108. doi:10.1037/0893-3200.8.1.104

Wilkinson, I. (2000). The Darlington family assessment system: Clinical guidelines for practitioners. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 211-224.

Xiao, Z., Li, X., & Staton, B. (2010). Perceptions of parent-adolescent communication within families:

It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16(1), 53-65. doi:10.1080/13548506.2010.521563

Fecha de recepción: 14 de agosto de 2012

Fecha de aceptación: 24 de julio de 2013